
Contribuições de Stáline

para a Ciência Militar e Política Soviética (VIII)*

Ulrich Huar

Capítulo V

A operação Vístula-Oder

A preparação para a ofensiva de Inverno iniciou-se em Outubro de 1944 com uma conferência no Quartel-General entre Stáline, Júkov, Rokossóvski, Mólotov e Antonov, onde, entre outros assuntos, se tinha de esclarecer e decidir as diferenças de opinião sobre a continuação da ofensiva a Noroeste de Varsóvia, na zona Modlin-Varsóvia. Júkov e Rokossóvski salientaram a necessidade de as tropas da 1ª e 2ª frentes Bielorrussas, estacionadas perto de Varsóvia, descansarem e serem reabastecidas depois da longa ofensiva e dos combates de apoio aos sublevados em Varsóvia as terem esgotado. O adversário tinha, entretanto, reforçado a sua defesa e chamado reservas. Júkov declarou: «*O adversário está em condições de se defender com êxito do nosso ataque. Teremos baixas injustificáveis.*»¹

Rokossóvski partilhava da mesma opinião.

Stáline argumentava contra a proposta de *pausa respiratória* de Júkov e Rokossóvski: «*Penso que o adversário não utilizará essa pausa de forma pior do que você.*» Perguntou se um apoio aéreo ao 47.º Exército envolvido na ofensiva e o seu reforço com blindados e artilharia não teriam sucesso. Rokossóvski disse que era difícil responder e Júkov repetiu «*que essa ofensiva só nos trará baixas.*»²

Por fim Stáline concordou que as tropas soviéticas nessa zona «*passassem à defesa*». ³

Um dia depois, Stáline conferenciou com Júkov sobre questões de comando.

Stáline queria entregar directamente o comando das frentes ao Quartel-General, e retirar os representantes do Quartel-General colocados nas frentes. Júkov disse que, como o número de frentes tinha diminuído, a sua extensão também e

¹ Júkov, *ibidem*, p. 238.

² *Idem*, *ibidem*.

³ *Idem*, *ibidem*, p. 239.

o comando das frentes se tornara mais simples, seria possível comandar as frentes directamente do Quartel-General. No seguimento das mudanças no comando das frentes, Stáline procedeu a uma redistribuição de papéis nas frentes.

Júkov devia assumir o comando da 1ª Frente Bielorrussa, que se encontrava na direcção de Berlim, e tomar a cidade. Júkov manteve-se como representante do Comandante Supremo, Rokossóvski, até aí comandante da 1ª Frente Bielorrussa, assumiu o comando da 2ª Frente Bielorrussa, no flanco direito da 1ª Frente Bielorrussa. No seu flanco esquerdo encontrava-se a 1ª Frente Ucraniana sob o comando de Kóniev. As três frentes constituíam a força principal na direcção de Berlim. (Alguns dias depois do início da ofensiva Rokossóvski teve de dirigir-se na direcção da Prússia Oriental, como adiante veremos.) Estas três frentes foram constituídas principalmente com reservas, armamento e equipamento, em parte à custa das frentes secundárias, apesar de as operações destas não deverem ser subestimadas no rápido avanço em direcção ao centro da Alemanha fascista.

A decisão de Stáline de nomear Júkov seu representante no comando da 1ª Frente Bielorrussa teve, certamente, razões políticas. No final de Outubro de 1944, tiveram lugar as reuniões sobre as operações finais da Grande Guerra Pátria.

O plano do Quartel-General previa executar, entre 15 e 20 de Janeiro, ofensivas poderosas nos pontos estratégicos. As tropas alemãs deviam ser destruídas e a Prússia Oriental conquistada. As tropas alemãs na Polónia, Checoslováquia, Hungria e Áustria deviam ser derrotadas. Devia alcançar-se uma linha até Viena, iniciando-se na foz do Vístula e passando por Bydgoszcs-Posen-Breslau-Moravska-Ostrava.

A 1ª e 2ª frentes bálticas tinham como missão derrotar as fortes tropas alemãs na Curlândia e, em todo o caso, impedir que retirassem através do mar Báltico e fossem utilizadas noutras frentes. A 1ª Frente Bielorrussa devia atacar na direcção principal Varsóvia-Berlim.

No final de 1944, Berlim encontrava-se à mesma distância quer da frente soviética, quer da frente ocidental. Como já foi referido no capítulo «*O ano de 1943*», Churchill queria sem falta chegar a Berlim «*antes dos russos*»⁴. Era de grande importância política a conquista de Berlim. Não era, de forma nenhuma, só uma questão de prestígio.

Os planos para as operações da fase final da guerra, assim como para as grandes operações de Stalingrado e Kursk são trabalhados colectivamente. Júkov refere que os principais oficiais da direcção operativa do Estado-Maior, Antonov, Chtemenko, Grislov e Lomov, «*demonstraram ser profundos conhecedores do planeamento operativo em todas as etapas do trabalho da direcção operativa.*»⁵

⁴ Cf. Ulrich Huar, *Contribuições de Stáline Para a Teoria Militar e Política Marxista-Leninista. O ano de 1943*, in Coleção para a Educação Marxista-Leninista do Partido Comunista da Alemanha, Parte 1, Caderno n.º 168/II, p. 39 e segs.

⁵ Júkov, idem, p. 244.

Teria sido um milagre se, na elaboração do plano, não tivesse havido divergências de opinião e conflitos sobre a distribuição das tropas, equipamento, reabastecimento, defesa dos flancos, etc. Havia acordo sobre a definição da direcção principal e as tarefas das frentes, mas o diabo está nos detalhes e o diabo também não fez nenhuma excepção nas discussões do Quartel-General.

Um problema sério era a concentração de tropas alemãs na Prússia Oriental. Aí possuíam importantes fortificações e campos dificilmente transponíveis. Estas tropas podiam ameaçar seriamente o flanco direito do exército soviético no seu avanço na direcção de Berlim. Stáline já tinha recusado, no Verão de 1944, a proposta do Estado-Maior de reforçar as frentes na direcção da Prússia Oriental. O Comandante Supremo «*não considerou necessário concordar com a nossa proposta de reforço da 2ª Frente Bielorrussa com mais um exército para derrotar as tropas alemãs na Prússia Oriental*».

Com esta crítica a Stáline nada se diz sobre as razões da recusa desta pretensão. Uma explicação para a decisão de Stáline encontra-se, apesar de se referir ao grupo da Curlândia, na observação do marechal Bagramian sobre as razões por que não puderam derrotá-lo. Para isso teriam sido necessários forças e meios poderosos. «*Mas, exactamente nesta altura [Janeiro de 1945, UH] o Quartel-General precisava de forças poderosas para a preparação do último e decisivo ataque na direcção do Ocidente. Para além disso (...) imediatamente a seguir à libertação da capital da Letónia, e de novo no final de 1944, tinham sido retiradas forças significativas do Báltico.*»⁶

A direcção ocidental – Berlim – era a direcção principal quer militar, quer política. Aqui deve ser procurada a razão por que Stáline não autorizou reforços para os exércitos que combatiam na direcção da Prússia Oriental. A capacidade material e a disponibilidade de homens das Forças Armadas soviéticas não eram ilimitadas. O reforço de uma frente com um exército significava retirá-lo de uma outra frente ou à reserva do Quartel-General, que depois não poderia ser utilizada no caso de surgir uma situação precária numa frente.

Júkov ajuíza aqui a partir da perspectiva de comandante de uma frente e tinha certamente razão de um ponto de vista militar – o reforço do flanco direito da 1ª Frente Bielorrussa. Stáline decidia tendo em conta aspectos políticos e as necessidades de todas as frentes e também tinha razão. Em situação de guerra as decisões não são fáceis.

Como já foi referido, tendo em atenção a situação difícil dos aliados ocidentais, a ofensiva foi antecipada cinco dias, sendo diferentes as datas das ofensivas das frentes.

A 1ª Frente Ucraniana iniciou a ofensiva a 12 de Janeiro, a 1ª e 2ª frentes Bielorrussas em 14 de Janeiro.

A 16 de Janeiro os exércitos da 2ª Frente Bielorrussa tinham rompido a frente alemã desde Lomza até à foz do Narev (Norte de Varsóvia, UH). A 20 de Janeiro, Rokossóvski recebeu a ordem do Quartel-General de desviar para Norte e Noroeste o 3.º e 48.º exércitos, o 2.º Exército de Choque e o 5.º Exército Blindado

⁶ Bagramian, idem, p. 430. Sublinhado meu.

da 2ª Frente Bielorrussa para participar nos combates contra o reagrupamento [alemão] na Prússia Oriental.⁷

Com esta manobra ultrapassou-se a ameaça das tropas alemãs sobre o flanco direito da 1ª Frente Bielorrussa na Prússia Oriental. Segundo Rokossóvski este desvio dos exércitos referidos demonstrou «*a flexibilidade e o comando operativo do Quartel-General. Quando constatou que as tropas da 3ª Frente Bielorrussa ficavam para trás, corrigiu de imediato o plano original.*»⁸

A 20 de Janeiro, o 3.º e o 48.º exércitos passaram a fronteira polaca e entraram na Prússia Oriental. Um corpo de cavalaria (naturalmente não a cavalo, mas sim com artilharia e metralhadoras) penetrou em Allenstein (Olsztyn). Tiveram lugar combates ferozes na cidade.

Rokossóvski sublinha que a 2ª Frente Bielorrussa na Operação Vístula-Oder «*desempenhou um papel importante*» na ofensiva principal, mas que esse papel é silenciado «*por uma qualquer razão*» em quase todas as obras sobre a Grande Guerra Pátria. Dá-se a entender que a 2ª Frente Bielorrussa, a partir de 14 de Janeiro, foi utilizada para impedir o reagrupamento do adversário na Prússia Oriental. Isto não corresponde à verdade. A directiva do Quartel-General e as ordens pessoais de Stáline tinham como «*objectivo uma estreita cooperação entre a 2ª e a 1ª frentes Bielorrussas*».⁹ Como Rokossóvski informa, as forças principais da 2ª frente Bielorrussa desviaram-se para Norte só a 20 de Janeiro, ou seja, seis dias depois do início da ofensiva.

Um problema na descrição dos acontecimentos parece residir no facto de os autores da literatura de guerra não terem dado atenção suficiente às «*frentes secundárias*», neste caso na Prússia Oriental, em comparação com as operações na direcção principal. Sem o cerco das poderosas forças alemãs na Prússia Oriental e na Curlândia, o avanço da 1ª Frente Bielorrussa na direcção principal do Oder não tinha sido tão rápido.

A ofensiva de Inverno do exército soviético, numa frente com 1200 quilómetros de comprimento entre o Mar Báltico e os Cárpatos, foi bem sucedida.

Os exércitos da 1ª Frente Bielorrussa romperam logo no primeiro dia as linhas da frente alemã. Tippleskirch resume: «*Na noite de 15 de Janeiro já não existia nenhuma frente alemã organizada desde Nida até Pilica. As partes do 9.º Exército ainda existentes no Vístula e a Sul de Varsóvia estavam seriamente ameaçadas. Não existiam mais reservas.*» Júkov, «*no seu avanço para ocidente, não encontrou quase resistência e chegou a Lodz...*».¹⁰

A 19 de Janeiro, a 1ª Frente Bielorrussa tomou Lodz, a 23 de Janeiro, Bydgoszcz e a 25 de Janeiro, Poznán.¹¹

⁷ K.K. Rokossóvski, *Dever de Soldado*, Moscovo, 1968/Berlim, 1973, 2ª edição, p. 375.

⁸ Idem. Ibidem, p.376.

⁹ Idem. Entre os generais soviéticos houve, depois da guerra, diferentes avaliações de algumas operações.

¹⁰ Kurt von Tippleskirch, *História da II Guerra Mundial*, 2ª edição, Bona, 1954, pp. 531 e 532.

¹¹ Júkov, op. Cit., p. 255.

A 31 de Janeiro, o 5.º Exército de Choque da 1ª Frente Bielorrussa, sob o comando do tenente-general Bersarian, forçou a passagem do Oder e construiu na sua margem ocidental uma testa-de-ponte na região de Kienitz – Gross – Neundorf – Rehfeld, a cerca de 70 quilómetros de Berlim. Até 4 de Fevereiro, o 5.º Exército de Choque, depois de rechaçar poderosos contra-ataques, alargou a testa-de-ponte, ao que se seguiu o ataque dos grupos de choque da 1ª Frente Bielorrussa a Berlim.¹²

A 1ª Frente Ucraniana, sob o comando de Kóniev, iniciou a sua ofensiva, por ordem de Stáline, pelas razões já referidas, logo a 12 de Janeiro. As condições meteorológicas eram desfavoráveis, o que desde logo excluiu a utilização da força aérea. Kóniev refere, neste contexto: «*Os nossos aliados ocidentais fizeram depender muito os seus planos e datas para a abertura da segunda frente das condições meteorológicas. Isto mostra claramente a diferença em relação à nossa condução da guerra. O Quartel-General tomou a decisão de antecipar a operação sem tomar em consideração as condições meteorológicas.*»¹³

A ofensiva dos exércitos da 1ª Frente Ucraniana iniciou-se pelas 5 horas com um poderoso ataque de artilharia que durou duas horas. As unidades alemãs sofreram pesadas baixas. Apesar de o comando alemão ter actuado «*de forma correcta*» ao «*decidir retirar todas as forças possíveis*», só conseguiu «*salvar uma pequena parte das tropas (...)*».¹⁴

A zona que sofreu o ataque de artilharia «*estava literalmente sulcada, (...) tudo tinha ruído, soterrado (...) Aqui (...) 250 até 280, por vezes até 300 peças de artilharia por cada quilómetro de frente tinham atacado o adversário.*»¹⁵

Tippelskirch descreveu o primeiro dia da ofensiva da 1ª Frente Ucraniana: «*A 12 de Janeiro, a partir da testa-de-ponte Sandomierz – Baranov, depois de um violento ataque de artilharia preparatório que durou cinco horas, [as tropas da 1ª Frente Ucraniana, UH] invadiram a frente do 4.º Exército Panzer. O ataque teve um tal ímpeto, que não só esmagou as unidades estacionadas, como também atingiu as reservas que se encontravam atrás da linha e que, por ordem de Hitler, se mantinham muito próximo da frente, tendo ficado logo destruídas com o fogo preparatório russo e arrastadas para o turbilhão que se seguiu, não tendo sido possível utilizá-las de acordo com os planos. As penetrações na frente alemã eram tão numerosas, que foi impossível eliminá-las ou tão só cercá-las. Os russos avançavam de imediato com as suas unidades blindadas operativas nas falhas abertas, que alcançaram Nida a Ocidente e com o seu flanco Norte neutralizaram Kielce.*»¹⁶

A 15 de Janeiro, as tropas de Kóniev conquistaram Kielce. Até 17 de Janeiro furaram a defesa alemã numa profundidade de 120-140 quilómetros.¹⁷

¹² Idem, ibidem, pp. 257 e 259.

¹³ Kóniev, op. cit., p. 15.

¹⁴ Idem, ibidem, p. 20.

¹⁵ Idem, ibidem.

¹⁶ Tippelskirch, ibidem, p. 531.

¹⁷ Kóniev, ibidem, pp. 23 e 26.

A 19 de Janeiro as tropas soviéticas libertaram Cracóvia, tendo o cuidado tático de não danificar seriamente os edifícios históricos da velha cidade real polaca. A 20 de Janeiro, as tropas soviéticas formaram uma testa-de-ponte na margem esquerda do Oder, nos arredores de Oppeln. A 23 de Janeiro encontravam-se na região industrial da Alta Silésia, designada de «ouro» por Stáline numa conversa com Kóniev sobre a elaboração do plano.¹⁸

Este «ouro» devia ser entregue à Polónia depois da guerra. Tratava-se, portanto, também aqui, de conquistar esta região industrial sem causar danos sérios. Na região industrial da Alta Silésia encontravam-se estacionados cerca de cem mil soldados alemães, bem equipados. Kóniev encontrava-se perante a questão de cercar a região, tomá-la de assalto, destruir as tropas alemãs ou deixar um corredor para o adversário retirar as suas tropas. A primeira variante também teria conduzido a inúmeras baixas nas tropas soviéticas e provocado enormes destruições. «*Já tínhamos perdido gente em número suficiente nos quatro anos de guerra*», julgava Kóniev.¹⁹ A sua opção pela segunda variante – possibilitar ao adversário a retirada – não lhe foi fácil. Mas: «*A realidade confirmou a justeza da minha decisão*».²⁰ Kóniev sintetizou os resultados da ofensiva da 1ª Frente Ucraniana: «*No desenrolar da Operação Sul da Polónia, com a sua velha capital Cracóvia, as tropas da 1ª Frente Ucraniana limpam esta região do adversário, ocuparam a região industrial da Alta Silésia e criaram, com a construção da testa-de-ponte operativa na margem esquerda do Oder, condições favoráveis para o avanço na direcção de Berlim e Dresden*».

De acordo com os seus cálculos, durante os 23 dias de combate, a 1ª Frente Ucraniana derrotou 21 divisões de infantaria, cinco divisões de blindados, 27 brigadas autónomas de infantaria, nove brigadas de artilharia e brigadas lança-granadas, assim como inúmeras unidades especiais e batalhões autónomos. «*Fizemos 43 mil prisioneiros, mais de 150 mil soldados e oficiais morreram. Nos despojos de guerra encontravam-se mais de cinco mil peças de artilharia e lança-granadas, 300 tanques, 200 aviões assim como uma grande quantidade de meios técnicos de combate e outro equipamento.*»²¹

¹⁸ Idem, ibidem, p. 35.

¹⁹ Idem, ibidem, p. 33

²⁰ Idem, ibidem.

²¹ Idem, ibidem, p. 43.